

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CLAUDIA CARDINALE!
8 e 15 de Abril de 2026

VAGHE STELLE DELL'ORSA... / 1965
“Belas Estrelas da Ursa...”

Um filme de Luchino Visconti

Argumento e guião: Suso Cecchi d'Amico, Luchino Visconti e Enrico Medioli / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Armando Mannuzzi / *Cenários:* Mario Garbuglia / *Figurinos:* Bice Brighetto / *Música:* César Franck ("Prelúdio, Coral e Fuga", interpretado por Augusto d'Ottavi) / *Montagem:* Mario Serandrei / *Som:* Claudio Maielli / *Interpretação:* Claudia Cardinale (*Sandra*), Jean Sorel (*Gianni*), Michael Craig (*Andrew*), Marie Bell (*a mãe*), Renzo Ricci (*Gilardini*), Fred Williams (*Pietro Fornari*), Amalia Troianni (*Fosca*).

Produção: Franco Cristaldi-Vides Film (Roma) e Orsay Films (Paris) / *Cópia:* DCP, versão original com legendagem em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 1965 / *Inédito comercialmente em Portugal.* Primeira apresentação na Cinemateca a 22 de Dezembro de 1995, no âmbito do ciclo "A Volta ao Mundo em 80 Filmes".

O filme foi apresentado na televisão com o título de SANDRA.

*Belas estrelas da Ursa, eu não pensei
Voltar de novo a contemplar-vos
Sobre o jardim paterno cintilantes
E conversar convosco das janelas
Desta morada onde vivi em criança
E onde conheci dos meus júbilos o termo.
Giacomo Leopardi, Le Ricordanze
(tradução de Haroldo de Campos)*

Rocco e i suoi Fratelli e **Il Gattopardo**, realizados respectivamente em 1960 e 1963, consagraram definitivamente o nome de Luchino Visconti no panorama do cinema mundial. Antes de encetar com **The Damned/La Caduta degli Dei**, em 1968, a fase final da sua obra, caracterizada por luxuosas co-produções internacionais, muitas vezes faladas em inglês e que alargariam ainda mais sua a audiência, Visconti realizou dois filmes que estão um tanto à parte do conjunto do seu trabalho: **Il Straniero**, baseado no livro de Camus, que mesmo os viscontianos mais empedernidos consideram um completo falhanço e **Vaghe Stelle dell'Orsa...**, mais conhecido fora de Itália como **Sandra**, título mais fácil de pronunciar e memorizar do que o verso de Leopardi, familiar a qualquer italiano, que serve de título e epígrafe ao filme (a título anedótico, o título inglês é **Of a Thousand Delights** e o argentino **Atavismos Impúdicos**: duplo *sic!*). São hoje filmes um pouco esquecidos, apesar do prestígio de Visconti permanecer intacto. No caso de **Vaghe Stelle dell'Orsa**, o seu empenho como realizador foi total, num filme que ele quis mais fechado e mais seco, mais "moderno" do que os que viria a fazer no seu período final.

Como tantos cineastas, Visconti sempre teve relutância em "explicar" os seus filmes, consciente que *"quando o espectador compra um bilhete, quer saber o que o autor quis dizer através do que se passa na tela e não de declarações"*. Ainda assim, definiu este filme como *"um drama do não-ser"* e, por estranho que pareça, *"um filme policial pouco usual"*, evocando a tragédia de Édipo como *"uma das primeiras histórias policiais: o culpado é aquele sobre quem pesam menos suspeitas"*. Atendo-se a um estilo de *mise en scène* que ele definiu como uma espécie de *Kammerspiel*, muito diferente do sopro dramático ou histórico que atravessa **Rocco** e o **Gattopardo**, estimulado *"pelo antigo enigma etrusco, de que Volterra é a expressão perfeita, o complexo de superioridade dos judeus e um*

personagem de mulher", Visconti tece um drama que tem como ponto de partida o tema da volta à casa paterna, implícito no título do filme, cuja protagonista envereda pela busca da verdade, tema central no drama de Édipo. Trata-se, por conseguinte, de uma história moderna que tem laços com dramas antigos, o que é especificado pela rápida transição de um moderno apartamento em Genebra, no pré-genérico, a Volterra e ao interior de um palácio. O genérico, feito por longos *travellings* nas auto-estradas que ligam Genebra à Itália, sobre os quais os nomes dos membros da equipa surgem bruscamente, é bastante insólito para um filme de Visconti e é emblemático da sua vontade de fazer um filme moderno, uma espécie de *Europa 65*, uma Europa sobre a qual ainda pairam as sombras da Segunda Guerra Mundial, inextricavelmente misturadas aos dramas familiares dos protagonistas. Vindo de Visconti, isto é menos insólito do que parece, pois como encenador teatral ele montou, além de muitos clássicos, autores modernos como Jean Cocteau, Tennessee Williams e Eugene O'Neill.

Outros sinais presentes no filme do tempo presente, do período 1964-65, são as diversas canções italianas, de grande sucesso à época, que pontuam a banda sonora, menos pelo contraste que oferecem com a música de César Franck, que é o principal tema sonoro do filme, do que como referências à época das filmagens. Visconti insiste por conseguinte em situar o seu filme no tempo presente, precisamente porque este é um filme sobre o tempo, mais exatamente sobre o passado, sobre as lembranças e a obsessão dos dois irmãos com o passado: Sandra investiga o passado, Gianni quer reviver a adolescência e por isto repete a sua tentativa de suicídio, sem conseguir falhar desta vez. O romance em que Gianni conta a sua adolescência e a sua incestuosa paixão pela irmã tem o mesmo título que o filme e é por conseguinte uma evocação-invocação do passado (Gianni recita toda a primeira estrofe do poema de Leopardi, intitulado precisamente *Recordações*). A mãe, semi-demente, encerrada numa outra ala do palácio, que materializa um outro tempo, toca o *Prelúdio, Coral e Fuga*, de César Franck, que ouvimos incessantemente durante todo o filme, ora como música subjetiva, ora como música objetiva (e a música é a arte do tempo). A própria escolha do preto e branco, ditada em parte por prosaicas razões económicas, vem reforçar a contemporaneidade do filme, pois os minuciosos cenários do palacete deixam de ser signos descritivos, como em outras obras de Visconti e adquirem quase a feição de um fundo abstrato, sobre o qual se movem os personagens. Mesmo o uso insólito e um pouco canhestro do *zoom*, uma das figuras de estilo de mais difícil utilização, participa desta vontade de *secura e exatidão*: "*Trata-se de um filme breve, em relação ao que costumo fazer. Há, por conseguinte, uma espécie de rapidez, de confusão no modo de narrar. O «zoom» ajudou-me a acelerar o conhecimento dos personagens*".

Vaghe Stelle dell'Orsa... foi comparado a **Les Parents Terribles**, de Cocteau, uma das primeiras peças que Visconti montou em teatro, na medida em que transforma um drama familiar em verdadeira tragédia, embora com um estilo muito distinto do da obra de Cocteau. O filme antecipa também certos aspectos de **A Morte em Veneza**, com a presença obsessiva de uma cidade de tal modo marcada pela História que de certa forma é um túmulo e sobretudo o uso de uma peça de música clássica, nunca de modo decorativo e sim dramático. Deste ponto de vista, o momento mais belo e mais viscontiano do filme é o final, com a ascensão da criada e do médico pelas escadarias e os salões do palácio, até à descoberta do corpo de Gianni, ponto culminante do drama, reforçado pelo uso da música de Franck, também no seu momento culminante e o ponto final do filme, abrupto e elíptico, é pontuado pelo último acorde da peça pianística. Neste trecho, ao mesmo tempo dramático e operático, a *mise en scène* de **Vaghe Stelle dell'Orsa...** é realmente "viscontiana", ainda que este seja um filme em que o realizador faz uma pausa, ou antes um desvio, antes de arrancar para uma nova fase.

Antonio Rodrigues